

Explorando as consequências da segregação metropolitana em dois contextos socioespaciais*

Exploring the consequences of metropolitan segregation in two socio-spatial contexts

Luciana Teixeira de Andrade
Jupira Gomes de Mendonça

Resumo

A análise de dois distintos processos de segregação socioespacial presentes na Região Metropolitana de Belo Horizonte busca responder em que medida a homogeneidade ou a heterogeneidade social impactam as oportunidades no mercado de trabalho. Se os dados não nos permitem a determinação de causa e efeito, eles podem indicar algumas hipóteses, tanto contra quanto a favor da tese do efeito território. Ao norte da metrópole observa-se a reprodução da pobreza em município tradicionalmente periférico e homogeneamente pobre. No sul, observa-se a expansão de área de loteamentos fechados, onde a migração dos ricos, que simultaneamente atrai os mais pobres, conforma um contexto mais heterogêneo, ainda que segregado. A questão que permanece é se, em contextos em que a heterogeneidade é marcada pela segmentação e pela polarização social, como na área dos "condomínios", são possíveis as trocas e a integração social.

Palavras-chave: segregação socioespacial; estrutura de oportunidades; contexto social heterogêneo; periferia; Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Abstract

The analysis of two different processes of socio-spatial segregation in the Metropolitan Area of Belo Horizonte aims to explore to what extent social homogeneity or social heterogeneity has an impact on labor market opportunities. The data do not allow us to determine cause and effect relations, but they can indicate some hypotheses, both against or in favor of the thesis of territory effect. To the north of the metropolis we can observe the reproduction of poverty in a traditionally peripheral and homogeneously poor city. In the south we can observe the expansion of gated communities, where the migration of wealthy people, which simultaneously attracts the poorer ones, composes a more heterogeneous, even though segregated, context. The question that remains is whether interchanges and social integration are possible in a context where heterogeneity is marked by segmentation and social polarization, as it is in gated communities.

Keywords: socio-spatial segregation; structure of opportunities; heterogeneous social context; periphery; Belo Horizonte Metropolitan Area.

O objetivo deste artigo é analisar dois distintos processos de segregação socioespacial presentes na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), assim como seus efeitos sobre a população de baixa renda. O primeiro deles teve lugar no eixo norte, a partir da década de 1970, constituindo um dos polos do modelo de estruturação centro-periferia, com a formação de municípios “dormitórios” para a população pobre. O segundo teve lugar no eixo sul, a partir da década de 1990, com a autosegregação de grupos de alta renda nos condomínios residenciais fechados, atraindo em seguida a população de baixa renda em busca de empregos pouco qualificados, como os domésticos.

Apesar de cada um desses tipos de segregação socioespacial ter seu auge em épocas diferentes – respectivamente décadas de 1970 e 1990 –, o segundo não substitui o primeiro. Ambos convivem atualmente na RMBH, mas localizam-se em regiões distintas e atingem diferentes grupos sociais.

Escolhemos para análise dois municípios mais representativos desses processos: Ribeirão das Neves, no eixo norte, e Nova Lima, no eixo sul. Como se mostrará a seguir, o primeiro se caracteriza por uma forte homogeneidade social. É, por excelência, o território da pobreza. Já o segundo vem sendo retratado como o município dos ricos, devido em grande parte à forma ostentatória com que esse grupo ocupa o espaço. Mas, como procuraremos mostrar, trata-se de um município marcado por uma grande heterogeneidade, uma vez que a riqueza, inclusive a representada pela moradia, gera emprego e atrai trabalhadores de baixa qualificação. Além desses novos habitantes, há também os antigos, muitos deles ex-

trabalhadores da mina de ouro Morro Velho, hoje desativada.

A questão que buscamos responder é em que medida a homogeneidade ou a heterogeneidade social impactam as oportunidades no mercado de trabalho ou, se utilizarmos os conceitos desenvolvidos por Kaztman e Filgueira (2006), em que medida as diferentes composições sociais presentes nos dois municípios significam estruturas de oportunidades diferenciadas.¹

A tese de Kaztman e Filgueira é que a homogeneidade das regiões pobres contribui para enfraquecer a capacidade de formação de capital social e, por consequência, fragiliza as condições para o desenvolvimento individual e coletivo:

Para os pobres urbanos especialmente segregados e com laços trabalhistas frágeis parecem confluir pelo menos dois processos que reduzem as suas chances de acumular capital social. Por um lado, seu isolamento em relação a outros estratos da sociedade. Por outro, as dificuldades para constituir instituições e redes sociais locais que deem suporte a esse capital. (2006, p. 15)

A hipótese é que para os mais pobres uma fonte de capital social são as interações que ocorrem em contextos sociais mais heterogêneos. Nesses lugares, os vizinhos constituem fonte importante de informação e contatos sociais.

Os dois municípios objeto de análise neste trabalho apresentam situações propícias para as respostas a essas indagações, especialmente no que se refere aos impactos de contextos sociais mais ou menos heterogêneos.

Região Metropolitana de Belo Horizonte: processos diferenciados

A metropolização de Belo Horizonte é, segundo alguns autores, um fenômeno que se inicia já na primeira metade do século passado (Teixeira e Souza, 2003). No entanto, a década de 1970 é reconhecida pela literatura como a de sua maior intensificação, quando cresce a mobilidade residencial de trabalhadores da capital para os municípios do entorno. Contagem e Betim, dois municípios de eixo industrial a oeste da capital, recebem parte dessa população, mas será no eixo norte, constituído por municípios sem tradição industrial – com exceção de Santa Luzia – e com baixa regulação do uso do solo, somada ao baixo valor da terra, que a imigração se revelará mais intensa, em especial no município de Ribeirão das Neves. Esses dois eixos, oeste industrial e norte, são os que melhor expressam a dinâmica metropolitana dessa década. Suas taxas de crescimento foram, naqueles anos, superiores às da capital (3,6% a.a.) e da RMBH (4,6% a.a.), conforme demonstra a Tabela 1. A RMBH foi instituída oficialmente em 1973, com 14 municípios. Nas décadas seguintes foram acrescentados mais 20 municípios. Desses 34 municípios, muitos evidenciam uma baixa integração à dinâmica metropolitana (Observatório das Metrôpoles, 2004). Por essa razão e pelos objetivos deste trabalho a Tabela 1 foca apenas 13 municípios. Já a linha RMBH apresenta a população total relativa aos municípios que formavam a RMBH em 1991. Como os novos municípios anexados depois deste ano são pouco populosos, seu impacto no resultado final é pequeno.

A capital é a contraface do processo de periferização, constituindo-se um espaço mais elitizado, com melhor infraestrutura e, devido ao alto custo do solo, menor demanda relativa de moradia, o que se reflete no seu crescimento abaixo da média metropolitana, tendência essa que se aprofundará nas décadas seguintes.

O caso mais emblemático da periferização da RMBH na década de 1970 é Ribeirão das Neves, cuja taxa de crescimento foi de 21% a.a, mais que o quádruplo da RMBH. O segundo município nessa hierarquia foi Contagem, com taxa de 10% a.a, bem inferior a de Ribeirão das Neves. Nesse mesmo período, os municípios do eixo sul apresentavam crescimento negativo ou muito abaixo da média metropolitana. Três fatores contribuíram para que este eixo ficasse relativamente imune aos processos de expansão metropolitana e em especial ao parcelamento do seu solo para moradia: as dificuldades de acesso, a ação do órgão de planejamento metropolitano preocupado com as questões ambientais – como os mananciais de água – e, por fim, a concentração da propriedade das terras pelas empresas mineradoras.

São muitas as consequências desse processo de segregação que a literatura denominou centro-periferia. A mais perversa foi a exclusão dos trabalhadores das áreas com melhor infraestrutura urbana e oferta de serviços e de trabalho agravada pela falta de um transporte público barato e de qualidade. Vejamos agora o processo nas duas décadas seguintes, concentrando nossa análise nos municípios dos eixos norte e sul que faziam parte da RMBH no período.

Se entre 1970 e 1980 a RMBH cresceu 4,6% a.a, na década de 1980 o crescimento

**Tabela 1 – Região Metropolitana de Belo Horizonte
Crescimento Populacional 1970-2000**

Município	1970	1980	1991	2000	Tx. cresc. 1970-1980	Tx. cresc. 1980-1991	Tx. cresc. 1991-2000
Belo Horizonte	1.235.030	1.753.520	2.020.161	2.238.526	3,57	1,30	1,15
Principais municípios do eixo oeste							
Betim	37.815	84.193	170.934	306.653	8,33	6,65	6,71
Contagem	111.235	280.477	449.588	538.017	9,69	3,38	2,02
Ibirité/Sarzedo/Mário Campos(1)	19.508	37.701	92.675	160.583	6,81	8,52	6,32
Principais municípios do eixo norte							
Ribeirão das Neves	9.707	64.727	143.853	246.846	20,89	7,53	6,18
Santa Luzia	25.301	59.893	137.825	184.903	9,00	7,87	3,32
Vespasiano/São José da Lapa(1)	12.429	25.046	54.868	91.422	7,26	7,39	5,84
Principais municípios do eixo sul							
Brumadinho	17.874	17.964	19.308	26.614	0,05	0,66	3,63
Nova Lima	33.992	41.217	52.400	64.387	1,95	2,21	2,32
Rio Acima	5.118	5.073	7.066	7.658	-0,09	3,06	0,90
Total geral da RMBH(2)	1.717.216	2.609.520	3.436.060	4.259.163	4,56	2,53	2,41

Fonte: IBGE, Censos Demográficos.

(1) Municípios desmembrados na década de 1990.

(2) Total de municípios que formavam a RMBH em 1991.

cai para 2,5% a.a., e em 1990 para 2,4% a.a. Essa desaceleração é perceptível em todos os municípios que, na década de 1970, apresentaram altas taxas de crescimento populacional. Mas Ribeirão das Neves, Santa Luzia e Vespasiano ainda apresentaram altas taxas de crescimento: respectivamente 7,5%, 7,9% e 7,4% a.a. No eixo sul, Brumadinho permaneceu praticamente estagnado demograficamente; já em Nova Lima e Rio Acima verificou-se um crescimento da população próximo ao da

RMBH e mais alto que o de Belo Horizonte, respectivamente, 2,2% e 3,1% a.a.

O processo de metropolização de Belo Horizonte resultou em particularidades e na pluralidade do crescimento periférico: em primeiro lugar, pelo movimento clássico de expulsão para a periferia com a constituição das cidades dormitórios no eixo norte; em segundo, por uma estruturação econômica, ditada pela ação estatal, que definiu um eixo industrial-residencial periférico, a oeste; em

terceiro lugar, por uma periferização das classes médias para os condomínios fechados² do eixo sul.³

Essa periferização da moradia de parte dos estratos médios e altos, que se disseminou pelas metrópoles brasileiras a partir da década de 1990, é na verdade um fenômeno recente, uma vez que até então esses estratos preferiam as áreas centrais.⁴ Mas o importante a ser destacado aqui é que o grupo propulsor desse processo territorial e social depende, para a manutenção de suas casas e de seus estilos de vida, de um número relativamente alto de empregados domésticos e de outros prestadores de serviços. Esses trabalhadores, limitados pelo alto valor do solo na região, encontraram em alguns espaços residuais do município de Nova Lima seu lugar de moradia, conformando um espaço heterogêneo e bastante polarizado, com densidade alta nas áreas residenciais dos estratos de baixa renda (loteamentos abertos) e baixa nas dos estratos de alta renda (loteamentos fechados, denominados “condomínios”) (ver Mendonça e Perpétuo, 2006).

Se na segregação centro-periferia a distância física colaborava para a manutenção da distância social, fundamento dessa ordem urbana desigual, na autosegregação nos condomínios fechados são construídas barreiras físicas e sociais que fazem com que a proximidade física não seja vista como socialmente *problemática*.⁵

Apesar de essas duas formas de segregação – centro-periferia e autosegregação dos grupos de alto *status* – se fazerem presentes na maioria das cidades brasileiras (e latino-americanas), algumas especificidades históricas de Nova Lima e de Ribeirão das Neves nos ajudam a entender melhor esse processo.

A história de Nova Lima remonta ao século XVII e à atividade mineradora: primeiro o ouro e depois o ferro. É, portanto, uma cidade muito mais antiga que a capital do estado e município polo da Região Metropolitana, a planejada Belo Horizonte, inaugurada em 1897. Como foi mostrado anteriormente, apesar de sua proximidade com a capital, Nova Lima não se transformou em uma cidade dormitório por diversos fatores. Mas, desde a década de 1970, parte de seu território passou a ser desmembrada em lotes de grandes dimensões para o lazer, nos finais de semana, de moradores de Belo Horizonte. Até a década de 1980, raros foram os que optaram pela moradia permanente nesses loteamentos, em função do seu relativo isolamento. Esse cenário muda na década de 1990, atraindo novos e mais ricos moradores para os condomínios. Esses vêm, na sua quase totalidade, de Belo Horizonte (Andrade, 2003, 2006).

Há, aqui, uma combinação de fatores de expulsão de Belo Horizonte, que se diferencia da expulsão para as regiões ao norte: a saturação do espaço físico da capital, principalmente para a construção de casas, e o aumento da insegurança e da criminalidade estão entre os principais. Por outro lado, os condomínios passam a contar, na década de 1990, com um conjunto de atrativos muito valorizado no mercado de terras da região: proximidade da natureza, tranquilidade, privacidade e segurança. O antigo isolamento é rompido com melhorias viárias e a oferta de serviços nas imediações dos condomínios; conjuntamente, eles promovem a conurbação com Belo Horizonte. Mais uma vez, observa-se aqui uma convergência entre os interesses privados – imobiliários e de comércio e serviços – e a ação do poder

público. Este último, através da prefeitura municipal, desencadeou uma ampla campanha de atração de empresas e de moradores com alto poder aquisitivo. Entre os incentivos estavam a redução de impostos e a duplicação das pistas da antiga e sinuosa estrada que liga a sede do município a Belo Horizonte.

Essa ocupação, em várias e diferenciadas etapas, acabou por conformar um espaço muito fragmentado, para o qual contribuiu a grande extensão territorial do município – 429,7 km² (bem maior que a área da capital e de Ribeirão das Neves, respectivamente, 331,9 km² e 154,6 km²). Aliada à extensão, tem-se a preservação de suas qualidades naturais, grande atrativo para os condomínios. Seis são os territórios que podem ser identificados em Nova Lima: 1) a *Região das Seis Pistas*, na fronteira com Belo Horizonte, que concentra faculdades, hospitais, hotéis, escritórios, prédios residenciais de alto luxo, restaurantes e outros serviços e constitui hoje uma nova centralidade;⁶ 2) um *conjunto de condomínios* ao longo da rodovia MG-30, que liga Belo Horizonte à sede do município; 3) a *antiga sede ou área central*, com serviços e comércio local, e residências de seus antigos moradores, muitos deles ex-trabalhadores da mina de ouro, hoje desativada; 4) um *outro conjunto de condomínios* localizado nas margens da rodovia BR-040 (ligação Belo Horizonte-Rio de Janeiro); entre estes condomínios encontra-se um loteamento aberto, o Vale do Sol, que além das residências de estratos médios abriga um relativamente sofisticado centro gastronômico; 5) situado em área próxima a esse segundo conjunto de condomínios está o Jardim Canadá, um antigo loteamento que durante décadas ficou abandonado, sendo reativado em função dessa nova atração exercida

pelo município; atualmente, abriga indústrias de pequeno porte, galpões, lojas que atendem aos condomínios e muitas residências para a população mais pobre, em geral prestadores de serviços nos condomínios; 6) por fim, há *alguns povoados*, sendo o mais importante deles o distrito de São Sebastião das Águas Claras, com muitas pousadas, restaurantes e antiga população que vive da agricultura e que hoje também encontra emprego nessas novas atividades de lazer.

O território de Ribeirão das Neves constituiu-se também de forma fragmentada, embora em menor grau. Seu intenso crescimento na década de 1970 é expressão de um processo nacional de segregação nas metrópoles brasileiras, em um momento de grande fragilidade das políticas de regulação do solo. Entre os seus principais sujeitos estão os agentes imobiliários, que atuaram indireta e diretamente sobre o município, no primeiro caso deixando grandes vazios urbanos nas áreas mais centrais da RMBH dotadas de infraestrutura, como forma de valorizá-los para posterior comercialização e, no segundo caso, agindo diretamente na criação de loteamentos precários, nas periferias mais distantes, muitos deles clandestinos e sem nenhuma infraestrutura. Ao processo de parcelamento do solo seguiu-se a autoconstrução e a construção por “ajuda mútua”, reunindo família e amigos nos finais de semana. Essas periferias eram, na expressão de Cymbalista, “o lugar aonde as pessoas chegam antes da cidade” (2006, p. 44).

Desta maneira, formou-se uma conurbação com os bairros situados a norte de Belo Horizonte, constituindo em Ribeirão das Neves a região conhecida como Justinópolis. Esta é hoje uma área de ocupação densa e

cujos vínculos são muito mais fortes com Belo Horizonte do que com a sede de Ribeirão das Neves.⁷

Mas se a periferia de Ribeirão das Neves foi esse território abandonado pelo estado e desbravado pelos agentes imobiliários, no seu núcleo central, a sede do município, o estado já se fazia presente pelo menos desde 1938, quando ali foi instalada a Penitenciária Agrícola de Ribeirão das Neves, hoje um complexo penitenciário. Antes de se constituir como "cidade dormitório", Neves foi, e continua sendo, a "cidade presídio" da RMBH. Essas duas funções, presídio e dormitório, têm um efeito bastante negativo sobre sua imagem.

Ribeirão das Neves como um todo apresenta um alto grau de dependência em relação a Belo Horizonte, principalmente no que diz

respeito ao trabalho: quase metade da sua população que trabalha o faz em Belo Horizonte (FJP, 2004). Na realidade, menos da metade da população trabalhadora exerce sua ocupação no próprio município. É digno de nota, ainda, que 7% se desloca para trabalhar em Contagem, no eixo oeste industrial (Tabela 2).

Nova Lima também apresenta um significativo grau de dependência, mesmo se considerado todo o município: 1/3 dos que trabalham o fazem em Belo Horizonte. No deslocamento por motivo de estudo, relativamente a Ribeirão das Neves, mais pessoas se deslocam de Nova Lima para a capital. Também o deslocamento para compras e/ou lazer apresenta fluxo significativo para Belo Horizonte: 1/3, no caso de Nova Lima, e 1/4, no caso de Ribeirão das Neves.⁸

Tabela 2 – Nova Lima e Ribeirão das Neves
Origem dos deslocamentos, por motivo, 2001

Origem Destino/motivo	Nova Lima						Ribeirão das Neves					
	Trabalho		Estudo		Lazer/compras		Trabalho		Estudo		Lazer/compras	
	Num. Abs.	%	Num. Abs.	%	Num. Abs.	%	Num. Abs.	%	Num. Abs.	%	Num. Abs.	%
Belo Horizonte	8.153	32,58	5.103	24,52	564	29,58	43.146	48,52	9.301	11,83	998	25,29
Contagem	431	1,72	–	0,00	–	0,00	6.599	7,42	408	0,52	91	2,30
Esmeraldas	–	0,00	–	0,00	–	0,00	228	0,26	–	0,00	136	3,45
Nova Lima	15.767	63,01	15.551	74,71	1.128	59,15	364	0,41	–	0,00	–	0,00
Raposos	54	0,22	–	0,00	134	7,04	–	0,00	–	0,00	–	0,00
Ribeirão das Neves	–	0,00	–	0,00	–	0,00	36.729	41,30	68.098	86,61	2.677	67,82
Todos os destinos	25.023	100,00	20.815	100,00	1.907	100,00	88.932	100,00	78.623	100,00	3.947	100,00

Fonte: Fundação João Pinheiro, Pesquisa de Origem e Destino, 2004.

Homogeneidade *versus* heterogeneidade

Como já se indicou, o município de Ribeirão das Neves é bastante homogêneo na composição de sua população, enquanto Nova Lima demanda uma investigação mais detalhada de sua composição social, uma vez que esta se apresenta bem mais complexa.

Dada a extensão dos espaços ocupados pelos condomínios e a atenção que eles e seus moradores recebem dos meios de comunicação, a impressão que se tem é que a expansão metropolitana no eixo sul é caracterizada apenas (ou mesmo predominantemente) por segmentos populacionais de alta renda. Ainda que estes sejam os definidores dessa expansão,

não é isso que se capta dos dados sobre os imigrantes recentes, ou seja, aqueles habitantes que não residiam no município em 1995. O Quadro 1 permite observar que, em Nova Lima, embora haja entre os imigrantes recentes alto percentual de pessoas mais escolarizadas e de empregadores, grande parte é constituída por grupos sociais de baixa renda e de baixa escolaridade. Diferentemente, nota-se em Ribeirão das Neves que os indicadores sociais da população total são praticamente os mesmos da população que chegou recentemente ao município, caracterizando-se expressivamente por grupos de baixa renda e baixa escolaridade.

A entrada de migrantes de diferentes origens sociais, que revela a dinâmica mais recente de Nova Lima, somada à população que há mais anos reside no município, resultou numa

Quadro 1 – Nova Lima e Ribeirão das Neves
Alguns indicadores dos diferenciais socioeconômicos dos imigrantes recentes (*) em relação à população total, 2000

Indicadores		Nova Lima		Ribeirão das Neves	
		População total (total = 100%)	Imigrante recente (total = 100%)	População total (total = 100%)	Imigrante recente (total = 100%)
Renda total da população ocupada	% do pessoal ocupado com total de rendimentos igual ou menor que 1 SM	20,76	13,51	22,11	21,97
	% do pessoal ocupado com total de rendimentos igual ou maior que 30 SM	2,48	7,86	0,10	0,17
População ocupada	% de empregadores	2,75	8,50	1,24	1,10
Escolaridade	% de pessoas com 3 anos de estudo ou menos (**)	17,27	17,48	25,87	25,29
	% de pessoas com 12 anos de estudo ou mais	8,96	23,97	1,53	1,40

(*) Imigrantes recentes são aqueles habitantes que não moravam no município em julho de 1995.

(**) Pessoas com 10 anos ou mais de idade – estão incluídas as que frequentaram curso de alfabetização.

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 – dados trabalhados.

composição social mais heterogênea, ainda que, como veremos, mais da metade do total de domicílios do município possui renda até 5 salários mínimos (ver Tabela 4). Na comparação com Ribeirão das Neves, as diferenças tornam-se mais nítidas. Os estratos médios (mais de 5 até 20 SM) têm representação superior em Nova Lima; o grupo com mais de 20 SM é quase inexistente em Ribeirão das Neves e atinge 10% dos domicílios em Nova Lima. Ou seja, Ribeirão das Neves é homogeneamente pobre, enquanto Nova Lima tem uma representação mais significativa de grupos de renda média e alta (quase a metade dos domicílios).

Outra forma de se aferir a composição social dos dois municípios, assim como a sua distribuição territorial, é considerar as categorias sócio-ocupacionais construídas no âmbito do Observatório das Metrôpoles⁹ e suas respectivas representações nas sedes e nas periferias

dos dois municípios. Observa-se, na Tabela 3, que a mescla social é significativamente maior na sede de Nova Lima – excetuando-se os empresários, dirigentes públicos e privados e os pequenos empregadores, todos os demais grupos sociais desse município (intelectuais, trabalhadores de ocupações médias e trabalhadores do secundário e do terciário) têm uma participação próxima da média metropolitana. Na sede de Ribeirão das Neves, ao contrário, apenas os grupos sociais constituídos por trabalhadores manuais têm participação próxima ou acima da média metropolitana.

O espaço periférico de Nova Lima, constituído predominantemente pelos loteamentos fechados dos segmentos de média e alta renda (a mais significativa exceção é o Jardim Canadá), apresenta-se como espaço altamente polarizado, do ponto de vista social. Os grupos dirigentes e intelectuais têm representação

Tabela 3 – Densidade(*) de representação dos grupos sócio-ocupacionais pelo Núcleo Central (NC) ou Periferia (P) – 2000

Localização	Trab. agrícolas	Dirigentes	Pequenos empregadores	Intelectuais	Ocupações médias	Trab. do terciário	Trab. da indústria	Trab. do terciário não especializado	Total
NC de Nova Lima	0,13	0,46	0,67	0,83	1,13	0,93	1,03	1,05	1,00
P de Nova Lima	0,31	2,17	0,56	1,31	0,65	0,86	1,02	1,52	1,00
NC de R. das Neves	1,18	0,27	0,48	0,20	0,59	1,10	1,36	1,46	1,00
P de R. das Neves	0,99	0,20	0,35	0,16	0,64	1,20	1,33	1,36	1,00
RMBH	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00

(*) A densidade representa a participação de cada grupo no conjunto da população ocupada do município, em relação à média metropolitana. Quanto maior o número, maior é a concentração do grupo social.

Fonte: IBGE – dados trabalhados.

expressivamente acima da média metropolitana (o dobro, no caso dos dirigentes), assim como os trabalhadores do terciário não especializado, com destaque para os empregados domésticos. A participação dos demais trabalhadores situa-se próxima ou abaixo da média metropolitana.

O contrário ocorre com os espaços periféricos de Ribeirão das Neves: a participação dos dirigentes (empresários e dirigentes públicos e privados), dos pequenos empregadores e dos intelectuais é quase cinco vezes menor do que a média metropolitana. Também as ocupações médias estão sub-representadas. Os trabalhadores manuais da indústria e do terciário apresentam, ao contrário, participação acima da média metropolitana. De fato, em Ribeirão das Neves, os espaços centrais e periféricos apresentam composição social bastante semelhante.

Renda, trabalho e desemprego

Além do que foi dito anteriormente sobre a distribuição desigual da renda, é importante destacar a situação de maior pobreza e vulnerabilidade em Ribeirão das Neves. Em ambos os municípios, mais de 50% da população recebe menos do que 5 SM (ver Tabela 4), mas é significativa a concentração de 74% de domicílios de Ribeirão das Neves nesse grupo, assim como apenas 1,18% no grupo com mais de 20 salários mínimos.

Se observarmos a taxa de desemprego aberto, isto é, a proporção dos que procuram emprego no conjunto da população economicamente ativa (PEA¹⁰), veremos que também esta é maior em Ribeirão das Neves (em todas as faixas etárias). No conjunto, a taxa de desemprego é 23% em Ribeirão das Neves e 19% em Nova Lima. Destaca-se, em ambos os

Tabela 4 – Nova Lima e Ribeirão das Neves
Renda total do domicílio, 2000

Município	Faixa de rendimento domiciliar			
	Até 5 SM	Mais que 5 até 20 SM	Mais que 20 SM	Total
Nova Lima	53,36	36,56	10,07	100,00
Ribeirão das Neves	74,46	24,36	1,18	100,00

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000.

municípios, o desemprego entre os adolescentes e jovens de 15 a 24 anos de idade: taxas de desemprego de 34% e 35%, respectivamente, para Nova Lima e Ribeirão das Neves, o que não necessariamente significa que esses jovens estejam frequentando a escola – em Nova Lima existem 2.768 adolescentes e jovens nessa faixa etária que não estudam nem trabalham, que correspondem a 21% do total de jovens nesta faixa etária. Em Ribeirão das Neves, os adolescentes e jovens nessa situação somam 16.127 (30% do total de jovens).

Também a *precarização* do trabalho é maior em Ribeirão das Neves: o percentual de empregados sem carteira assinada é de 22%, em contraposição a Nova Lima, onde é de 15,5%. Se somarmos todos os que trabalham sem carteira, incluindo os empregados

domésticos, e os que trabalham por conta-própria, em Ribeirão das Neves este trabalhadores alcançam quase a metade da população ocupada (47%), enquanto que em Nova Lima 40% estão nesta situação.¹¹ Importante também registrar que, entre os empregados domésticos, não têm sua carteira assinada 47,3% em Nova Lima e 53,37% em Ribeirão das Neves.

Ribeirão das Neves apresenta uma participação da PEA na PIA bastante alta na faixa etária de 15 a 17 anos, o que indica a maior presença de pessoas jovens no mercado de trabalho ou procurando emprego. Nas outras faixas as diferenças não são tão marcantes. A explicação para a maior diferença em relação à primeira faixa etária pode ser buscada na menor frequência dos jovens de Ribeirão das

Tabela 5 – Posição na ocupação da População Ocupada em Nova Lima e Ribeirão das Neves, 2000

População Ocupada	Nova Lima		Ribeirão das Neves	
	Num. Abs.	%	Num. Abs.	%
1 - Trabalhador doméstico com carteira de trabalho assinada	1.950	7,6	5.984	6,5
2 - Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada	1.751	6,8	6.848	7,5
3 - Empregado com carteira de trabalho assinada	12.419	48,4	40.051	43,8
4 - Empregado sem carteira de trabalho assinada	3.975	15,5	19.986	21,8
5 - Empregador	707	2,8	1.137	1,2
6 - Conta própria	4.452	17,3	16.175	17,7
7 - Aprendiz ou estagiário sem remuneração	41	0,5	243	0,3
8 - Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	245	1,0	759	0,8
9 - Trabalhador na produção para o próprio consumo	42	0,2	353	0,4
Total	25.681	100,0	91.535	100,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 – dados trabalhados.

Tabela 6 – Participação da PEA na PIA

Município	TX de participação da PEA na PIA de 15 a 17 anos, 2000	TX de participação da PEA na PIA de 18 a 24 anos, 2000	TX de participação da PEA na PIA de 25 a 59 anos, 2000	TX de participação da PEA na PIA de 60 anos e mais, 2000
Nova Lima	35,46	78,34	73,57	19,25
Ribeirão das Neves	46,37	78,53	75,08	20,93
RMBH	40,73	77,61	76,03	20,26

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano.

Neves na escola. Nessa faixa, 78% dos adolescentes de Ribeirão das Neves estão na escola, enquanto em Nova Lima são 87%. É justamente sobre os adolescentes (15 a 17 anos) que incidem os efeitos da recente precarização do trabalho.

Em Ribeirão das Neves, outro dado que demonstra sua maior precariedade é a necessidade de seus moradores deslocarem-se diariamente para outro município para trabalho ou estudo (movimento pendular) – quase a metade dos trabalhadores vão diariamente para Belo Horizonte (Tabela 2). Ainda que esse seja um indicador da metropolização de uma região, ele também mostra a dependência de certos municípios em relação à cidade polo e sua incapacidade de gerar empregos e prover serviços educacionais. E, sendo seus moradores pessoas com baixa renda, a necessidade de deslocamento é um fator que deprecia ainda mais a renda familiar ou então atua como um limitador naqueles casos em que o empregador arca com os custos do transporte.

Educação

Indicadores sociais também mostram que a população de Ribeirão das Neves apresenta baixo nível de ativos.¹² A Tabela 7 mostra, na primeira coluna de cada faixa etária, a porcentagem de crianças e adolescente frequentando a escola; já a segunda coluna mostra se essas pessoas estão no nível (fundamental ou médio) adequado à sua idade; a última coluna, por sua vez, mostra a porcentagem de pessoas de 18 a 24 anos frequentando curso superior. Para as crianças de 7 a 14 anos, o acesso à escola é praticamente universal, com dados superiores a 96,41% – na segunda coluna os números caem um pouco, em virtude talvez de uma pequena porcentagem dessas crianças não estarem ainda no curso fundamental. Já a diferença da terceira para a quarta coluna é bem maior e muito provavelmente se deve à defasagem escolar, ou seja, aos adolescentes que ainda estão no ensino fundamental e não

Tabela 7 – Frequência à escola (%), 2000

Município	Crianças de 7 a 14 anos na escola	Crianças de 7 a 14 anos frequentando o fundamental	Adolescentes de 15 a 17 anos na escola	Adolescentes de 15 a 17 anos frequentando o ensino médio	Pessoas de 18 a 22 anos frequentando curso superior
Nova Lima	98,23	93,56	86,92	45,69	7,43
Ribeirão das Neves	96,41	92,13	77,88	37,36	0,56

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano.

no ensino médio. A última coluna mostra aqueles com 18 a 22 anos que frequentam curso superior. A participação dos jovens de Ribeirão das Neves nesse grau é inferior a 1%.

O percentual de pessoas com mais de 25 anos analfabetas em Ribeirão das Neves é 12,78%, quase o dobro de Nova Lima, 6,74%. Nesse mesmo grupo etário a média de anos de estudo dos moradores de Ribeirão das Neves é 4,78% em contraposição aos 6,78% de Nova Lima.

Esses baixos resultados educacionais podem indicar uma continuidade da pobreza, pois os filhos, ainda que atinjam um nível educacional superior ao dos seus pais, provavelmente não conseguirão atingir os mesmos níveis dos outros jovens da RMBH, o que os colocará numa posição de desvantagem na competição no mercado de trabalho, pelo menos para os trabalhos melhor remunerados e que exigem maior nível educacional.

Homicídios

A situação de Ribeirão das Neves e a de Nova Lima distinguem-se profundamente quando comparamos a incidência de homicídios.¹³ Entre os anos de 1998 a 2002, a taxa média de homicídios por 100 mil habitantes em Nova Lima foi de 4,2 e a de Ribeirão das Neves 39,3, ou seja, nove vezes maior.

O Mapa da Violência de 2007 (OEI, 2007) mostra, para os anos de 2002 e 2004, uma realidade ainda mais preocupante para Ribeirão das Neves. Nesses anos, o município registrou uma taxa média de 58 homicídios por 100 mil habitantes, o que o coloca entre os 10% dos municípios com as maiores taxas médias de homicídios por 100 mil habitantes, ocupando a 97ª posição num conjunto de 556 municípios brasileiros. Na RMBH, Ribeirão das Neves ocupa a terceira posição, depois de Betim

(63,7) e de Contagem (58,4). Quando se consideram os homicídios da população jovem, sua taxa por 100 mil habitantes sobe para 109,1 o que corresponde a 89ª posição no conjunto dos 10% municípios com maior incidência de homicídios na população jovem¹⁴ (OIE, 2007). Como várias pesquisas já mostraram, são jovens pobres matando outros jovens pobres.¹⁵

Pesquisas recentes sobre jovens no Brasil revelam uma mudança nos seus valores, evidenciando uma significativa ruptura geracional. As primeiras constatações nessa direção aparecem na pesquisa da antropóloga Alba Zaluar na Cidade de Deus na década de 1980. Se para os pais o trabalho, ainda que precário e pouco especializado, conferia a identidade de trabalhador honesto e provedor da família, que se contrapunha à identidade negativa de vagabundo, os filhos não viam nessa vida de pobreza e restrições grandes virtudes; ao contrário, passaram a rejeitá-la. Pesquisas mais recente (Sanzone, 2003) mostram essa mudança de valores de forma até mais profunda. Os jovens de hoje, mais educados e mais reivindicativos de seus direitos de igualdade, têm uma representação do trabalho diferente da de seus pais. O que estes consideravam trabalho, os filhos veem como bicos e ocupações subservientes como é o caso do trabalho doméstico, aceito pelos pais e rejeitado pelos filhos. A demanda por igualdade e a rejeição a relações oligárquicas fazem parte hoje do universo cultural desses jovens pobres que tiveram mais acesso à escola, um dos espaços onde esses valores foram difundidos.

As pesquisas de Luiz Eduardo Soares (2003) e de Sanzone (2003) problematizam as demandas de integração por parte desses jovens e os canais institucionais para alcançá-las.

Sanzone fala de uma integração seletiva e Soares de uma integração subalterna que, se já foi aceita pelos pais dos jovens pobres, não é mais aceita por estes últimos. O grande desafio está em combinar geração de emprego e renda com a sensibilidade para o imaginário jovem e para suas linguagens culturais específicas. Na falta de condições para realização de suas expectativas, muitos jovens optam pela inatividade ou mesmo pela criminalidade.

Algumas conclusões

A comparação entre as condições sociais de dois municípios situados nas fronteiras da capital, Belo Horizonte – um na fronteira pobre e outro na fronteira rica, um expressão do modelo de segregação centro-periferia, outro de um modelo mais recente e mais fragmentado, social e territorialmente – coloca como questão de fundo as consequências desses dois modelos para a população mais pobre, ou seja, o problema da superação da pobreza e, mais, da integração social.

Nas décadas de 1960/70 as regiões metropolitanas atraíram muitos migrantes em função de maior oferta de empregos e da possibilidade da aquisição da moradia na periferia distante – uma integração, ainda que seletiva, a certa urbanidade metropolitana. Passadas mais de duas décadas, os indicadores sobre a população de Ribeirão das Neves revelam maior instabilidade em relação ao trabalho e maior déficit em relação à renda e à educação, considerando esta como um dos requisitos mais fundamentais para o acesso ao trabalho digno e melhor remunerado. Soma-se a isso

um ambiente de desagregação social e de medo com o crescimento da criminalidade. E, ainda que vários de seus indicadores tenham evidenciado melhora, isso ocorreu de forma generalizada na RMBH e em quase todo o país, o que enfraquece as chances dessa população ante outros grupos sociais, pois, se as melhorias atingem a todos, as distâncias e as desigualdades não diminuem.

Outro cenário revelado pelos dados de Ribeirão das Neves é uma forte homogeneidade da sua população e de seu território; apesar de os efeitos da homogeneidade serem de difícil aferição e de os dados aqui apresentados não validarem qualquer conclusão nessa direção, a hipótese levantada por outros estudos (Kaztman, 2007) pode ser aqui reproduzida: a falta de convivência próxima e cotidiana com pessoas em situações mais vantajosas, seja profissional, educacional ou culturalmente, entre outros aspectos, não gera condições para que se vençam as dificuldades do contexto, assim como não propicia efeitos concretos, como indicação para trabalho, possibilidades de continuidade dos estudos, entre tantas outras.

Estamos nos referindo aqui a um dos contextos da vida social dessas pessoas, o bairro ou o local de moradia, mas é importante ter em vista que ele não esgota todas as possíveis relações, inclusive com outros grupos sociais em outros contextos, pois, como os dados do movimento pendular mostram, muitos moradores de Ribeirão das Neves deslocam-se diariamente para o trabalho ou estudo. Portanto, preferimos o conceito de homogeneidade social, capaz de descrever a intensidade da segregação, ao de isolamento, uma vez que não podemos controlar, com os dados aqui

utilizados, os contatos desses moradores com outros grupos sociais fora do bairro.

Acresce-se a isso tudo a mais recente forma de apartação social: a estigmatização dos territórios da pobreza como territórios da criminalidade. Assim como o estigma vinculado ao comportamento de um indivíduo tende a abarcá-lo como um todo (Goffman, 1980), o estigma de um território estigmatiza a todos que ali residem. Ribeirão das Neves sofre duplamente desse estigma, primeiro por ser a "cidade-presídio" da RMBH e, segundo, por suas altas cifras de criminalidade violenta.

Dessa forma, o crime passa a ser vinculado à pobreza, com consequências perversas para todos os seus moradores. As maiores evidências dessa situação são as dificuldades que os moradores de bairros estigmatizados como violentos têm para conseguir empregos e para se relacionar com pessoas de outros grupos sociais.

Aqui chegamos a uma questão cara a este trabalho, mas de difícil verificação, até mesmo devido à natureza dos dados disponíveis. Pode-se falar de um efeito agravante do território sobre a pobreza? Como alertam Kaztman e Retamoso (2005), deve-se ter o cuidado de não confundir causa com consequência ou, nos termos deste trabalho: Ribeirão das Neves é mais pobre e vulnerável porque para ali se dirigem pessoas mais pobres ou porque a reunião de muitas pessoas pobres configura um contexto social pouco propício à superação da pobreza?

Se os dados não nos permitem a determinação de causa e efeito, eles podem nos indicar algumas hipóteses, tanto contra quanto a favor da tese do efeito território. Em primeiro lugar, não há dúvida de que Ribeirão das Neves

atraiu e continua atraindo, ainda que em menor escala, os mais pobres, devido principalmente ao baixo valor da terra. Mas quando analisamos os dados relativos às crianças e aos jovens é possível perceber que não há um rompimento significativo em relação à situação dos pais, ou seja, o que se verifica é uma reprodução da pobreza, com o agravante do crescimento da criminalidade. E se a criminalidade de maior incidência nesses espaços são os crimes contra pessoas (entre estes, os homicídios), que têm como vítimas e réus preferenciais os jovens, isso evidencia o envolvimento com a criminalidade de uma parcela da população que, como também afirmam Kaztman e Retamoso (2005) para o Uruguai, nasceu e foi socializada nesse contexto, ou seja, esses jovens não tomaram, eles mesmos, a decisão de ali se radicarem, o que reforça a hipótese do efeito território, pelo menos para esses grupos mais jovens.

Depreende-se, pois, que a continuidade da pobreza em Ribeirão das Neves, passadas mais de duas décadas, pode ser um forte indicador dos efeitos perversos da homogeneidade social. Como diz Kaztman (2007), opera nesses contextos uma “sinergia negativa”, e quanto menor os contatos entre as diferentes classes sociais, menores são os problemas compartilhados e maiores as distâncias. Isso contribui para conformação de visões estereotipadas do outro, como a do rico ostentoso e a do pobre criminoso.

Nova Lima experimenta outro tipo de migração, a dos ricos, que simultaneamente atrai os mais pobres que, somados aos grupos sociais médios, conformam um contexto muito mais heterogêneo, ainda que segregado. Seus indicadores sociais, assim como a oferta de serviços educacionais, são bastante superiores

aos de Ribeirão das Neves. É importante também frisar as suas diferenças quantitativas, uma vez que Nova Lima não experimentou com a mesma intensidade de Ribeirão das Neves a migração de pobres.

A questão anteriormente colocada em relação a Ribeirão das Neves é pertinente também para Nova Lima, ou seja, não é possível saber, com base nos dados aqui analisados, a intensidade das trocas que se operam entre os diferentes estratos populacionais que compõem o ambiente mais heterogêneo de Nova Lima e, principalmente, os seus efeitos. Mas a presença de faculdades e de outras atividades culturais são indicadores positivos de um ambiente mais plural culturalmente.

Mas além de saber se essas trocas efetivamente ocorrem, interessaria conhecer a sua natureza, em especial entre patrões e empregados domésticos, assim como entre moradores de territórios com barreiras físicas, como são os condomínios fechados. Ainda que a empregada doméstica brasileira já tenha conquistado alguns direitos, entre eles a carteira de trabalho, o que pressupõe um contrato amparado em leis e com conteúdo mais impessoal, no dia-a-dia as relações são marcadas por forte conteúdo tradicional e hierárquico (Soares, 1999), que pode incluir inclusive a inobservância da lei – segundo os dados do Censo Demográfico de 2000, cerca de metade dos trabalhadores domésticos de Nova Lima não tinham carteira assinada. Essa relação de submissão pessoal e de atribuição rígida e tradicional de lugares sociais consolidados não impede as trocas, mas certamente não atua como elemento facilitador. A segmentação do território pelo fechamento dos condomínios, cujas cancelas impedem a entrada e a

livre circulação das pessoas pelos espaços por natureza públicos (como ruas e praças), mas por convenção (também não amparada por lei) fechados, é outro elemento que impede as trocas em bases minimamente igualitárias. Os lugares ideais do encontro e das trocas entre esses grupos seriam os espaços e as instituições públicas (a mais fundamental a escola, mas também os transportes, os serviços de saúde, entre outros), mas estes estão de tal forma segmentados que as trocas só se efetivam entre iguais.

Disso se conclui que os dois tipos de segregação socioespacial – na escala macro e na escala micro – colocam barreiras físicas e/ou sociais que dificultam as trocas e as aproximações. No primeiro caso, pelas grandes distâncias físicas interpostas entre os ricos e os pobres e, no segundo, pela separação desses mesmos grupos sociais por barreiras físicas e segmentação dos serviços. Portanto, os efeitos positivos que poderiam advir do contexto mais heterogêneo de Nova Lima podem estar sendo anulados na medida em que os grupos de maior *status* econômico, educacional e cultural constroem barreiras ao convívio e às trocas em condições minimamente igualitárias. Como diz Castel, “integrados, vulneráveis e desafiados pertencem a um mesmo conjunto, mas cuja unidade é problemática” (1998, p. 34). Dito de outra forma: em situações tão desiguais, que destinos e valores podem ser compartilhados?

Retomando a nossa questão inicial, quais os efeitos desses dois tipos de segregação? A resposta não é simples, e dificilmente poderíamos, em contextos de segregação com forte conteúdo de separação de classes, falar de efeitos positivos. A maioria dos autores que estudam a segregação nas cidades latino-americanas destaca a sua “malignidade”, como dizem Sabatini, Cáceres e Cerda (2000). Resultados semelhantes podem ser encontrados em Kaztman (1999) a respeito de Montevideu e na comparação realizada por Ribeiro (2007) entre trabalhadores com mesma escolaridade vivendo em áreas faveladas e não faveladas, os primeiros sempre com rendimentos superiores aos últimos. Nesse caso, soma-se à segregação a estigmatização das favelas, o que leva a práticas discriminatórias no mercado de trabalho.

Essas considerações não invalidam a hipótese de efeitos diferenciados nos dois casos aqui analisados. O que os dados mostram é que a maior homogeneidade de Ribeirão das Neves propicia a reprodução da pobreza e, mais recentemente, a desintegração social, analisada aqui pelo indicador da criminalidade. Já Nova Lima apresenta indicadores bem mais positivos, mas a questão que permanece é se, em contextos em que a heterogeneidade é marcada pela segmentação e pela polarização social, como na área dos condomínios, são possíveis as trocas e a integração social.

Luciana Teixeira de Andrade

Socióloga. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. landrade@pucminas.br

Jupira Gomes de Mendonça

Arquiteta e urbanista. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. jupira@ufmg.br

Notas

- (*) Este trabalho foi realizado no âmbito da pesquisa Observatório das Metrôpoles/Instituto do Milênio/CNPq. Uma versão preliminar foi apresentada no Seminar on Spatial Segregation and Labor Market, realizado em Austin, de 13 a 15 de fevereiro de 2008.
- (1) “As estruturas de oportunidades se definem em termos de probabilidades de acesso a bens, serviços ou a atividades que incidem sobre o bem estar dos lugares [...]” (Kaztman e Filgueira, 2006, p. 7).
- (2) Para análises mais detalhadas deste fenômeno na RMBH ver Andrade (2003).
- (3) Trata-se, na realidade, de uma expansão da centralidade metropolitana, uma vez que não se deslocam apenas moradores, mas também serviços. Além disto, a distância entre essa área e a área central e mais rica de Belo Horizonte é pequena: o deslocamento por automóvel é de aproximadamente 20 minutos.
- (4) Isso não significa que os condomínios sejam uma criação recente, a diferença é que antes sua ocupação era bastante rarefeita e eles se destinavam, em especial, ao lazer nos finais de semana, não funcionando como moradia principal.
- (5) Essa proximidade física é na verdade bastante relativa, uma vez que as áreas dos condomínios são muito extensas e um condomínio faz fronteira com outro, protegendo-se mutuamente. No caso dos que ficam na fronteira externa, tem sido utilizado o expediente de manutenção de um cinturão verde.
- (6) Esse tipo de centralidade difere da centralidade tradicional onde se concentram, além do comércio e dos serviços, as funções públicas e os grandes espaços públicos. As novas centralidades são esvaziadas dessa dimensão pública, nelas preponderando os espaços de consumo, com os *shopping centers*.
- (7) Esse é um aspecto da metropolização também presente em Nova Lima. Os principais vínculos dos moradores dos condomínios não se dão com a Sede de Nova Lima, mas com Belo Horizonte (Andrade, 2003), seja por relações anteriormente construídas, seja porque a sede oferece apenas comércio e serviços locais.
- (8) É importante ressaltar que, no caso dos deslocamentos por motivo de compras/lazer, foi considerado somente o primeiro deslocamento; nos demais motivos, a pesquisa considerou o destino final.
- (9) Nessa pesquisa, as categorias socioespaciais são a base da representação hierárquica da sociedade brasileira. A sua construção está suportada na ideia de centralidade do trabalho na estruturação e no funcionamento da sociedade. Para maior detalhamento, ver Ribeiro e Lago (2000) e Mendonça (2002).
- (10) A PEA é o somatório dos que trabalharam na semana de referência do Censo e aqueles que buscavam emprego.
- (11) Dada a quantidade de profissionais de nível superior em Nova Lima, parte dos trabalhadores por conta própria pode ser constituída de consultores e outros profissionais de alta renda. Nesses casos, a informalidade não é um indicador de precariedade.

- (12) A noção de ativos representa o conjunto de recursos manipulados pelas famílias que lhes permitem “um aproveitamento efetivo das oportunidades que oferecem o Estado, o mercado e a comunidade para te acesso às condições de vida que se consideram dignas em um momento determinado” (Kaztman e Filgueira, 2006, p. 21).
- (13) O homicídio tem sido utilizado como um dos principais indicadores da criminalidade nas cidades brasileiras em função da sua gravidade e também por ser uma das estatísticas criminais mais confiáveis.
- (14) Nova Lima não foi contemplado nessa estatística, pois não está entre os municípios com maior incidência de homicídios.
- (15) Além do maior risco de perda da vida ou de submissão a outros tipos de violência, a criminalidade acaba gerando mais gastos para as famílias cujos cônjuges trabalham e que não podem deixar seus filhos sem o cuidado de alguém.

Referências

- ANDRADE, L. T. de (2003). “Segregação socioespacial e construção de identidades urbanas”. In: MENDONÇA, J. G. de e GODINHO, M. H. de L. (org.). *População, espaço e gestão na metrópole*. Belo Horizonte, PUC Minas.
- _____. (2006). “Estilos de vida nos condomínios residenciais fechados”. In: FRÚGOLI, H., ANDRADE, L. T. de e PEIXOTO, F. (org.). *As cidades e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte/São Paulo, PUC Minas/Edusp.
- CASTEL, R. (1998). *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, Vozes.
- COSTA, H. S.-M.; COSTA, G. M.; MENDONÇA, J. G. de e MONTE-MÓR, R. L. de M. (2006). *Novas Periferias Metropolitanas: a expansão metropolitana em Belo Horizonte – dinâmica e especificidades no Eixo Sul*. Belo Horizonte, C/Arte Editora.
- CYMBALISTA, R. (2006). O lugar aonde as pessoas chegam antes da cidade. *Sexta Feira*, n. 8, pp. 44-51. São Paulo, Ed. 34.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (2001). *A inserção dos jovens no mercado de trabalho*. Belo Horizonte, Centro de Estatística e Informação.
- _____. (2004). *Escola de Governo. Pesquisa de Origem e Destino 2001-2002*. Belo Horizonte.
- GOFFMAN, I. (1980). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar.
- KAZTMAN, R. (coord.) (1999). *Activos y Estructuras de Oportunidades: estudios sobre las raíces de la vulnerabilidad social en Uruguay*. Montevideo, CEPAL/PNUD.
- _____. (2007), “A dimensão espacial das políticas de superação da pobreza”. In: RIBEIRO, L. C. Q. e SANTOS JUNIOR, O. A. dos. *As metrópoles e a questão social brasileira*. Rio de Janeiro, Revan, Fase.

- KAZTMAN, R. e FILGUEIRA, F. (2006). *Las normas como bien público y como bien privado: reflexiones en las fronteras del enfoque AVEO*. Montevideo, Universidad Católica del Uruguay, Serie Documentos de Trabajo del IPES / Colección Aportes Conceptuales n. 4.
- KAZTMAN, R. e RETAMOSO, A. (2005). Introducción: empleo, concentración espacial y endurecimiento de la pobreza urbana. *Revista de la CEPAL*, n. 85, pp. 132-148.
- MENDONÇA, J. G. de (2002). *Segregação e mobilidade residencial na Região Metropolitana de Belo Horizonte*. Tese de Doutorado em Planejamento Urbano e Regional. IPPUR, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MENDONÇA, J. G. de e PERPÉTUO, I. H. O. (2006). “A metrópole belo-horizontina em expansão: periferização da riqueza ou polarização social?”. In: COSTA, H. S. M. (org.). *Novas periferias metropolitanas: a expansão metropolitana em Belo Horizonte – dinâmicas e especificidades no Eixo Sul*. Belo Horizonte, Ed. C/Arte.
- OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES (2004). *Análise das Regiões Metropolitanas do Brasil: identificação dos espaços metropolitanos e construção de tipologias*. Disponível em: http://www.observatoriodasmetrolopes.ufrj.br/produtos/produto_mc_1.pdf. Acesso em: ago. 2007.
- ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. (2007). *Mapa da violência os municípios brasileiros*. Brasília.
- RIBEIRO, L. C. de Q. (2007). “Metrópoles, reforma urbana e desenvolvimento nacional”. In: RIBEIRO, L. C. de Q. e SANTOS JÚNIOR, O. A. dos. *As metrópoles e a questão social brasileira*. Rio de Janeiro, Revan, Fase.
- RIBEIRO, L. C. de Q. e LAGO, L. C. do (2000). O espaço social das grandes metrópoles brasileiras. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, n. 3, pp. 111-129.
- SABATINE, F., CÁCERES, G. e CERDA, J. (2000). Segregación residencial en las principales ciudades chilenas: tendencias em las três últimas décadas y principales cursos de acción. *EURE*, v. 27, n. 82, pp. 21-42. Santiago.
- SANZONE, L. (2003). “Jovens e oportunidades: as mudanças na década de 90 – variações por cor e classe”. In: HASENGALG, C. e SILVA, N. V. e. *Origens e destinos: desigualdades sócias ao longo da vida*. Rio de Janeiro, Topbooks.
- SOARES, L. E. (1999). “A duplicidade da cultura brasileira”. In: SOUZA, J. de (org.). *O malandro e o protestante*. Brasília, UnB.
- _____ (2003). Novas políticas de segurança pública. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 47, pp. 75-96.
- TEIXEIRA, J. G. e SOUZA, J. M. de (2003). “Espaço e sociedade na Grande BH”. In: MENDONÇA, J. G. de e GODINHO, M. H. L. *População, espaço e gestão na metrópole: novas configurações, velhas desigualdades*. Belo Horizonte, PUC Minas.
- ZALUAR, A. (2004). *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro, FGV.

Texto recebido em 29/out/2009
Texto aprovado em 13/mar/2010